

LINGUAGEM E PROCESSOS DE ESCRITA NO FILME “OS NARRADORES DE JAVÉ” (2003) DE ELIANE CAFFÉ

Cristiano Alves Barros (UFT)

cristiano_uft@mail.uft.edu.br

Wallace Rodrigues (UFT)

walace@mail.uft.edu.br

RESUMO

O presente trabalho se propõe analisar alguns aspectos e construções narrativas a partir da abordagem sobre os processos de linguagem presentes no filme “Os narradores de Javé” (2003) de Eliane Caffé. Visto que, a referida obra cinematográfica problematiza principalmente acerca do uso da escrita enquanto mecanismo de identidade e resistência em determinados contextos socioculturais. Para tanto, delimita-se a temática a partir do enfoque construído na linguagem cinematográfica, sendo que envolve também outras percepções e cognições na construção da narrativa fílmica. Logo, embasaram para essa análise os estudos teóricos de Benjamim (1994), Metz (1980) e outros autores que também discutem sobre as relações entre linguagem e cinema a partir dos processos de escrita e narrativa nas artes audiovisuais. Desse modo, o filme “Os narradores de Javé” se torna um objeto de embasamento para contextualizar os usos da linguagem enquanto construção identitária e narrativa histórica para determinados sujeitos e suas respectivas comunidades.

Palavras-chave:

Cinema. Escrita. Narrativa.

ABSTRACT

This work proposes to analyze some aspects and narrative constructions from the approach about the language processes present in Eliane Caffé's film “Javé's Narrators” (2003). Since, this cinematographic work problematizes mainly about the use of writing as a mechanism of identity and resistance in certain sociocultural contexts. Therefore, the theme is delimited from the focus built on the cinematographic language, and it also involves others perceptions and cognitions in the construction of the film narrative. Therefore, the theoretical studies based on Benjamim (1987), Metz (1980) and others authors who also discuss the relationship between language and cinema from the writing and narrative processes in the audiovisual arts were based on this analysis. Thus, the movie “Javé's Narrators” becomes a grounding object to contextualize the uses of language as na identity and historical narrative construction for certain subjects and the respective communities.

Keywords:

Cinema. Narrative. Writing.

1. Introdução

A proposta aqui em estudo a partir do filme *Narradores de Javé* (2003)¹⁹⁴ de Eliane Caffé remonta alguns direcionamentos acerca dos estudos sobre linguagem problematizados na disciplina de *Metodologia em Estudos Interdisciplinares da Linguagem*¹⁹⁵, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, *Campus* de Araguaína.

Tais discussões teóricas em sala de aula enfatizaram as diferentes abordagens no que se delimitam alguns objetos de pesquisa, como também, sua devida articulação com a ementa temática da referida disciplina, que aborda sobre questões referentes à produção de materiais metodológicos nas áreas de ensino e linguagem.

Nesse sentido que, especificamos a escolha de dada obra filmica por possibilitar determinadas interações para análise, principalmente no que contextualiza aos aspectos de uso acerca da linguagem e suas possibilidades de construção narrativa em determinadas produções cinematográficas. Nesse sentido que partimos do seguinte pressuposto trabalhado por Metz (1972):

Em qualquer narração, o narrado é uma sequência mais ou menos cronológica de acontecimentos; em qualquer narração, a instância narradora reveste a forma de uma sequência de significantes que o usuário leva um certo tempo para percorrer: tempo da leitura, para uma narração literária; tempo da projeção, para uma narração cinematográfica, etc. (METZ, 1972, p. 32)

De fato, as intersecções narrativas condizentes entre o cinema e a literatura são um dos lócus de pesquisa possíveis para se compreender as construções e variantes da linguagem na contemporaneidade. Visto que, as imagens e textos evocados (tanto na perspectiva filmica, quanto na sua respectiva leitura literária) podem também, evidenciar outros e/ou novos olhares sobre os seus respectivos sujeitos-leitores.

Para tanto, particularizamos a obra de Eliane Caffé por tematizar

¹⁹⁴ Filme sob a direção de Eliane Caffé e com o roteiro de Luiz Alberto de Abreu, produção de Vânia Catani e no elenco conta com José Dumont (como Antônio Biá), Nelson Xavier (como Zaqueu), Gero Camilo (como Firmino), Nelson Dantas (como Vicentino), Silvia Leblon (como Maria Dina) e entre outros atores e não-atores. Foi rodado entre junho e setembro de 2001, em Gameleira da Lapa, cidade do interior da Bahia.

¹⁹⁵ Disciplina ministrada pelo professor e orientador Dr. Wallace Rodrigues.

alguns tópicos pertinentes a partir dessa relação entre linguagem e cinema. Visto que, dada história fílmica aborda estritamente sobre os processos de escrita enquanto mecanismos de identidades, como também, um meio de resistência em determinados contextos socioculturais. Segundo S. Hall (2000):

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão. (HALL, 2000, p. 106)

No caso, esse processo de identificação e dada representabilidade pode também ser abordado delimitadamente no contexto da narrativa temática em *Narradores de Javé*. Logo, a leitura de autores como Stuart Hall e outros referenciais dos *Estudos Culturais*¹⁹⁶ contribuem também para uma análise sob o viés constitutivo das personagens na história.

Desse modo, objetiva-se com esse trabalho em estudo abordar um pouco sobre a construção das histórias e narrativas nos respectivos sujeitos-personagens do filme. Sendo que a, obra de Eliane Caffé remete a representação de dada comunidade em que se utiliza do artifício da linguagem oral e sua possível transcrição identitária a partir de relatos e causos populares. De acordo com Marcuschi (2008):

Mais importante do que observar oralidade e letramentos como simples modos de uso da língua é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua falada e escrita, de um modo geral. Essas práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas de letramento numa dada sociedade e justificam que a questão da relação entre ambas seja posta no eixo de um contínuo socio-histórico de práticas. Esse contínuo poderia ser traduzido em outras imagens, por exemplo, na forma de uma gradação ou de uma mesclagem. Tudo dependerá do ponto de vista observado e das realidades comparadas. (MARCUSCHI, 2008)

Logo, nossa abordagem metodológica para tal análise fílmica parte das próprias falas coexistentes nas personagens, além de dada

¹⁹⁶ A menção da respectiva corrente teórica que, se concentra na ressignificação dos aspectos sobre cultura e identidade traz uma abordagem crítica abrangente sobre nossa proposta analítica na obra de Eliane Caffé. No caso, tais estudos que datam desde a metade dos anos 50 vêm contribuindo significativamente nas mais diferentes áreas de humanidades. Desse modo, pautamos a leitura de Stuart Hall para identificar alguns caracteres contextuais no filme *Narradores de Javé*.

articulação teórica com alguns autores que problematizam sobre os estudos da linguagem no que se especifica também, na narratologia das obras cinematográficas.

Sendo assim, utilizamos as leituras de teóricos como Benjamin (1994) e Metz (1972) para esquematizar um estudo mais detalhado sobre o respectivo material fílmico. Visto que, tais autores abordam sobre algumas intersecções da linguagem no cinema a partir de dados pressupostos referentes à escrita e sua construção narrativa na tela fílmica.

Por conseguinte, explanaremos mais especificamente sobre a história presente em *Narradores de Javé* e como tal narrativa cinematográfica é construída de acordo com as falas das personagens no roteiro de Eliane Caffé.

2. Um pouco sobre a história de “Narradores de Javé” (2003)

O enredo de “Narradores de Javé” se passa inicialmente em um bar à beira rio no sertão nordestino, onde alguns homens conversam sobre a importância de saber ler e escrever. Nesse momento surge a história de Zaqueu, um ex-habitante ribeirinho de uma cidade chamada Vale de Javé.

De fato, é bem interessante essa construção inicial da narrativa no filme. Visto que, boa parte das personagens contextualizadas na trama é retratada a partir de dadas características humildes, que perpetuam sua existência nos causos e contações populares de histórias.

Segundo W. Benjamin (1994), “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

Desse modo, a história e os viventes de Javé (re)existem ao tempo e devido lugar em que se constroem suas narrativas, mesmo que também isso conflite com situações adversas para um tão povo simples no sertão.

Sob a narração de Zaqueu, o filme constrói-se do embate de Javé que corre o risco de desaparecer sob as águas com a construção de uma usina hidrelétrica próxima a cidade. No caso, Javé só tem uma mera chance remota de (re)existir aos efeitos da barragem, que é tornar a pequena cidade em um patrimônio histórico-cultural na região.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para isso, o Vale de Javé precisa materializar sua história de fundação a partir de um documento oficial, isto é, um livro que conte a narrativa epopeia de origem do povo javélico. No entanto, como boa parte dos habitantes da cidade são analfabetos, surge então o destaque da personagem de Antônio Biá, um ex-carreiro em Javé e que era também o único sujeito letrado nas redondezas.

De acordo com a trajetória do filme, Biá já demonstrava que tinha uma imaginação fértil para a escrita e que poderia ajudar Javé na sua construção narrativa em forma livresca. Contudo, o ex-carreiro possuía um mau retrospecto com a comunidade javélica, por conta de alguns casos infortúnios enquanto era funcionário responsável pelo posto de Correios da cidade.

Segundo relatos das personagens-habitantes no Vale de Javé, Antônio Biá para evitar um possível fechamento da agência de correspondência na cidade, começou então encaminhar diversas cartas na região contando detalhes íntimos e jocosos sobre os moradores de Javé. E como Biá tinha um grande senso criativo para escrita, aproveitou-se da situação para também aumentar e até mesmo inventar alguns casos populares ridicularizando a dita comunidade javélica.¹⁹⁷

Sendo assim, a atitude maliciosa de Biá despertou a ira dos habitantes de Javé, que logo acabaram expulsando o ex-carreiro da cidade. Contudo e com o advento da repressa na região, a população javélica dá uma segunda chance para Antônio Biá na tentativa de manter o Vale de Javé a partir da sua criação narrativa, isto é, o personagem-escritor fica incumbido de escrever a história heroica do povo de Javé.

No decorrer da narrativa fílmica, Biá vai transcrevendo (ou pelo menos tenta materializar através da escrita) as mais variadas versões sobre a origem do Vale de Javé. Tanto que, cada personagem-habitante no respectivo filme quer de fato contribuir a sua maneira com a história javélica, na maioria das vezes para ter um devido protagonismo na narrativa de fundação e (re)existência da cidade na região.

Diante dos fatos sucedidos no enredo cinematográfico, o

¹⁹⁷ Segundo depoimento da própria diretora Eliane Caffé, o caso peculiar envolvendo o personagem de Antônio Biá foi de fato inspirado numa história verdadeira no interior do estado de Minas Gerais e que serviu de inspiração para a composição da narrativa do filme *Narradores de Javé*. Tal Informação pode ser acessada no making of “Os bastidores do filme de Eliane Caffé”, disponível no DVD de “Narradores de Javé” (2003).

personagem de Antônio Biá não consegue escrever uma linha sequer sobre a história epopeia de Javé. Visto que, a própria população javélica ocasionou uma grande confusão sobre as origens da respectiva cidade, em que cada qual contava um caso popular totalmente distorcido sobre a fundação do que seria então o Vale de Javé.

Logo, outro fator originador da não-escrita de Biá no livro de Javé foi também, a dada problemática sobre a tamanha e inevitável inundação do local com a construção da barragem nas proximidades. De fato, o pessimismo do ex-carreiro foi suscitado pelo contexto javélico e principalmente, pelo confronto da dada realidade com a ideia de modernização na região.

À vista disso, a cidade é de fato inundada como previsto por Antônio Biá e assim, Javé segue com seu povo para outro lugar com a possibilidade de (re)contar sua narrativa histórica. Isto posto no enredo cinematográfico, prosseguiremos analiticamente nas próximas sessões a partir das falas presentes nesta respectiva obra cinematográfica.

3. As falas e vozes em “Narradores de Javé”: a linguagem enquanto (re)existência

Haja visto no enredo de Eliane Caffé, dedicamos este tópico do trabalho para uma análise mais articulada com as personagens e vozes presentes no filme *Narradores de Javé*. Desse modo, salientamos algumas falas representadas na versão cinematográfica em estudo.

Logo de início no filme, o personagem de Zaqueu enfatiza um das características que mais se destaca na narrativa da respectiva obra audiovisual. No caso, o personagem-narrador da trajetória epopeia de Javé qualifica em sua fala o ato de contação de histórias na seguinte proposição: “Eu mesmo que não sou das ‘letra’, posso contar um rebuliço que uma escritura foi capaz de fazer” (“Narradores de Javé”, 2003, min. 06).

A partir da fala do personagem Zaqueu, compreende-se a valiosidade dada na obra fílmica de acordo com a ideia sobre a ação de narrar, principalmente no que se referem aos ditos casos populares. Conforme Benedito Nunes em sua leitura nos estudos de Paul Ricoeur:

Contando histórias, os homens articulam sua experiência no tempo, orientam-se no caos das modalidades de desenvolvimento, demarcando com intrigas e desenlaces o curso muito complicado das ações reais dos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

homens. Desse modo, o homem narrador torna inteligível para si mesmo a inconstância das coisas humanas, que tantos sábios pertencendo a diversas culturas, opuseram à ordem imutável dos astros. (RICOEUR *apud* NUNES, 1988, p.78)

De fato, o efeito narrativo no filme condiz muito às problemáticas contextualizadas na cidade de Javé. Haja vista que, o personagem Zaquel também fez parte da historicidade do antigo povoado e tenta ao máximo resistir aos efeitos da construção da barragem na região. De modo que, o próprio personagem-narrador sugere a população javélica do filme uma construção epopeia escrita da criação do Vale de Javé.

Além da representabilidade narrativa de Zaquel no enredo fílmico, o personagem de Antônio Biá também tem seu devido destaque na construção narratológica do filme. De modo que, uma das falas mais emblemáticas do ex-carreiro de Javé enfatiza esse confronto do ato da narrativa histórica e as respectivas circunstâncias contextuais de Javé:

Vocês acham que escrever essas histórias vai parar a represa? Não vai, não! E sabe por quê? Porque Javé é só um buraco perdido no oco do mundo. E daí? E daí que Javé nasceu de uma gente guerreira? [...] se hoje isso aqui é um lugar miserável, de rua de terra, ó? De gente apoucada, ignorante, como eu, como vocês tudinho! O que nós somos é só um povinho ignorante que quase não escreve o próprio nome, mas inventa histórias de grandeza para esquecer a vidinha rala, sem futuro nenhum. Vocês acham... Acham mesmo que os homens vão parar a represa e o progresso por um bando de semianalfabeto? Não vão, não! Isso é fato. É científico. (Narradores de Javé, 2003, min. 90)

Com efeito, a fala de Biá no desfecho do filme diz muito sobre o destino fatídico de Javé. Porém, vale ressaltar também que mesmo com as terras inundadas pela construção da barragem, a população javélica seguiu sua trajetória de (re)existência e continuidade da tão sonhada narrativa histórica, mesmo que em outro contexto local ou a partir dos cujos relatos daqueles ex-habitantes na região.

Logo, isso fica mais evidente na última fala do personagem Zaqueu ao finalizar sobre a história do Vale de Javé. No caso, remetendo-se a cena final de Antônio Biá no filme, em que o ex-carreiro de Javé demonstra devido arrependimento com o não-cumprimento de sua designação para a escritura do livro javélico.

De todo modo, embora que a narrativa epopeia de Biá não tenha tido um feito dado como conclusivo, o personagem-escritor passa a rascunhar algo após a enchente de Javé. Logo, imagina-se tal possibilidade de que a história do povo javélico tenha sido enfim, escrita

e recontada. Segundo o personagem-narrador de Zaquel:

E desde então, essa é a história de Javé, que se conta, mas que também pode ser lida e relida por essas serras e por essas grotas sem fim. Tá assentada em livro, correndo o mundo pra nunca mais ser esquecida. É isso e não tem mais que isso! Quem quiser que escreva diferente. (NARRADORES de Javé, 2003, min. 100)

4. Considerações finais

A fala final do personagem Zaquel no filme “Narradores de Javé” sintetiza bem a dada importância da análise e abordagem desta obra no contexto em discussão sobre a identificação e representabilidade a partir dos sujeitos viventes na história.

Logo, este trabalho buscou compreender alguns aspectos sobre o uso da linguagem no cinema e seus respectivos processos de escrita narrativa no filme “Narradores de Javé”. Visto que, a temática da obra torna-se pertinente por abordar dada construção narratológica enquanto meio de existência e resistência dos sujeitos-personagens na história fílmica.

Neste caso, evidenciamos algumas falas/vozes presentes no referido filme e assim, pudemos identificar outras problemáticas que envolvem também a questão de contextualidade local e seus dados confrontamentos socioculturais.

Desse modo, o filme “Narradores de Javé” traz também uma crítica de como a escrita pode também visibilizar os indivíduos ou até mesmo, vislumbrar algo a partir de dada materialidade e registro das histórias que se perpetuam.

De fato, o desfecho da obra audiovisual explana a possibilidade para o leitor-espectador sobre a continuidade histórica deste povo. Na qual, alguns aspectos e adversidades modificam a trajetória (seja ela de uma forma espacial/territorial como no caso do filme, como também, uma mudança íntima de cada personagem vivente) e que mesmo assim, não perdem sua identidade e resistência enquanto javélicos.

A história de “Narradores de Javé” nos traz significativas reflexões sobre como uma comunidade em dado contexto local pode sofrer os mais variados impactos sob a justificativa da modernização, que implica aos menos beneficiados com um projeto destinado para poucos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Contudo, o povo de Javé tem um destaque evidente no filme por conta de sua predestinação com a narrativa histórica e a materialização (ou até mesmo, uma eternização assim dita) da escrita enquanto recurso de (re)existência.

Por fim, o filme “Narradores de Javé” traz essa contextualidade onde os sujeitos fazem e refazem sua trajetória de vida a partir de tal construção e significação do narrar, ato que demarca devidos espaços e dada perpetuação da temporalidade para os seres contadores e viventes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L. A.; CAFFÉ, E. *Narradores de Javé: roteiro final comentado por seus autores*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

METZ, Christian. *A significação no cinema*. Trad. de Marilda Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1972.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani. Brasil: Eliane Caffé, 2003. Duração: 100 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>. Acessado em: 19 out. 2019.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.